1

SEGUNDO

MUNDO

QUALQUER SEMELHANÇA COM O MUNDO ATUAL NÃO É COINCIDÊNCIA

ROBERT HUGH BENSON

AVIS RARA

ROBERT HUGH BENSON

O SENHOR DO MUNDO

APRESENTAÇÃO

Embora as mais famosas dentre as obras de ficção distópica publicadas no século XX sejam *1984*, de George Orwell, e *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, neste início de século XXI a mais exata em termos de profecia é sem dúvida *O Senhor do Mundo*, publicada em 1907. O livro de Robert Hugh Benson estava demasiado à frente de seu tempo para que os contemporâneos se atentassem à exatidão de seu poder profético. Para nós, porém, que vemos as profecias de Benson tornarem-se realidade diante de nossos olhos uma a uma, ler esta obra é mais urgente do que nunca. Como todo grande livro, *O Senhor do Mundo* passou no teste do tempo, tornando-se, um século e pouco depois de publicado, mais vigoroso e relevante do que era no dia em que apareceu.

Imagine o leitor um mundo em que "tudo o que Jesus Cristo prometeu se tornou verdade, porém de outra maneira"; um mundo em que "o Reino de Deus realmente começou"; um mundo em que "os agentes da eutanásia são os verdadeiros padres"; um mundo em que todos receberam o perdão pelos seus pecados, porque o pecado não existe; um mundo em que reinam a paz e a fraternidade universais, do qual a pobreza foi eliminada, no qual o homem, elevado a divindade máxima, alcançou todo o seu potencial. Eis o mundo do Anticristo. É este o mundo que *O Senhor do Mundo* retrata; as semelhanças dele com o nosso são aterradoras.

Situado no início do século XXI, este livro se passa numa sociedade que caminha para um governo mundial autoritário governado por um político demagogo — o Senhor do Mundo — que não é um simples político: é "o maior orador da história", "o salvador do mundo", o "filho do homem", esperado como um messias, cultuado como um deus. Quando assume o poder, "dez mil vozes trovejantes de adoração saudaram[no] como Senhor e Deus". Trata-se de um homem que é como a natureza, pois "em ambos existia a mesma aparente contradição: a combinação de absoluta ternura e inegável crueldade... O mesmo

poder que cura as feridas também as causa; o poder que recobre o esterco com terra gentil e grama suave também faz explodirem vulcões e terremotos."

Aqui, a paz universal é alcançada por meio do extermínio impiedoso de todos aqueles que parecem ameaçá-la; o perdão dos pecados é alcançado pela proibição da religião; a eliminação da pobreza, pela introdução da comida sintética e pelo sacrifício dos inúteis e moribundos por meio da eutanásia. Tudo em nome da racionalidade, do progresso, do desenvolvimento pleno do homem. Nesse mundo, todas as diferenças individuais são eliminadas, todas as religiões são proibidas e o culto oficial, uma "religião da humanidade" artificial, é obrigatório. Nele, cultuam-se os deuses Maternidade, Vida, Alimentação e Paternidade, mas o maior dos deuses é o próprio homem:

> Tratava-se de uma espécie de positivismo. Era catolicismo sem cristianismo, culto à humanidade sem sua imperfeição. Não era culto ao homem, mas sim à ideia de homem, privado de seu princípio sobrenatural. [...] A raça humana era agora uma entidade única, com uma responsabilidade suprema para consigo mesma. Já não existiam mais direitos privados como os que vigoravam em tempos anteriores. O homem possuía domínio sobre cada célula que integrava seu Corpo Místico; e quando uma célula dessas se impunha em prejuízo do Corpo, os direitos do todo prevaleciam.

Os "direitos do todo" são, é claro, os direitos do governo, que em nome da paz não hesita em promover uma guerra de extermínio. Aqui também, como na célebre distopia de George Orwell, décadas antes da distopia de George Orwell, paz é guerra e escravidão é liberdade.

Quem acompanha o noticiário não pode deixar de espantar-se com a rapidez com que o nosso mundo caminha para tornar-se o pesadelo imaginado por Robert Hugh Benson. Em nome da tolerância, tolera-se tudo, menos a prática do cristianismo. O ambientalismo vai se tornando cada vez mais uma religião da Natureza, que não hesita em sacrificar o bem-estar e mesmo a vida de milhões de seres humanos em prol do "planeta". A comida sintética já é uma realidade patente que, ao que tudo indica, os senhores do mundo pretendem impor ao resto da humanidade. Organismos transnacionais como a Organização das Nações Unidas e o Fórum Econômico Mundial não escondem em seus documentos e atas o propósito explícito de criar um governo mundial, com uma uniformidade demoníaca que anula todas as diferenças locais e individuais. A eliminação das pessoas doentes, incômodas e inúteis

mediante aborto e eutanásia é prática cada vez mais difundida. E à medida que o cristianismo e os valores cristãos desaparecem da sociedade, toma forma cada vez mais concreta um novo paganismo estatal cujos deuses são aqueles determinados pelos poderosos.

Só se fazem profecias apocalípticas, como a de *O Senhor do Mundo*, para evitar que elas se tornem realidade. Qualquer um que deseje, enquanto há tempo, evitar que o nosso mundo se torne o pesadelo tenebroso imaginado por Benson, deve encarar este livro como um manual de estudos e um guia de ação. Depois de lê-lo, ninguém jamais verá o mundo da mesma forma.

Eduardo Levy
Escritor e tradutor

PREFÁCIO

Tenho perfeita ciência de que este livro é enormemente quimérico e está sujeito a inumeráveis críticas por esse motivo e por muitos outros. Porém, eu não sabia como expressar os princípios que desejava (e que eu acreditava apaixonadamente serem verdadeiros) a não ser dando-lhes contornos quiméricos. Tentei, contudo, refrear meu entusiasmo e mostrar, tanto quanto possível, respeito e consideração pelas opiniões de outras pessoas. Se essa tentativa surtiu efeito já é outra questão bem diferente.

Robert Hugh Benson
CAMBRIDGE, 1907

PRÓLOGO

— Dê-me apenas um momento — disse o homem velho, recostando-se em seu assento.

Percy voltou a se sentar em sua cadeira e esperou, o queixo apoiado na mão.

A sala onde os três se encontravam era bastante silenciosa, decorada com a extrema sobriedade característica da época. Não tinha janelas nem portas porque, sessenta anos atrás, o mundo constatou que o espaço não se resumia à superfície do globo e começou a se enterrar com determinação. A casa do velho sr. Templeton ficava a cerca de doze metros abaixo do nível do aterro do Tâmisa. Essa era uma localização considerada conveniente, pois, a partir dela, era necessário andar menos de cem metros para chegar à Segunda Estação Central de Veículos Motorizados e aproximadamente quinhentos metros até a estação de aeronaves em Blackfriars. No entanto, ele tinha mais de noventa anos de idade; a essa altura de sua vida, raramente saía de casa.

A sala tinha paredes pintadas num verde suave, prescrito pelo Comitê de Higiene, e era banhada pela luz de sol artificial descoberta pelo grande Reuter quarenta anos atrás. O tom de cor do cômodo tinha o frescor de um bosque na primavera. Ele era aquecido e ventilado por um radiador clássico na exata temperatura de dezoito graus centígrados. O sr. Templeton era um homem simples, satisfeito por poder viver como seu pai vivia antes dele. A mobília também parecia um pouco antiquada em termos de fabricação e *design*, mas era construída de acordo com o sistema vigente de esmalte sobre armação de ferro — indestrutível, agradável ao toque e semelhante ao mogno.

Duas estantes de livros bem cheias ocupavam um lugar de destaque no recinto. Também se destacavam dois elevadores hidráulicos: um conduzia ao dormitório; o outro, ao grande vestíbulo que dava acesso ao cais.

Padre Percy Franklin, o mais velho dos dois sacerdotes, era sem dúvida um homem de boa aparência. Não tinha mais do que trinta e cinco anos de

idade, mas seu cabelo era totalmente branco. Seus olhos castanhos, encimados por sobrancelhas negras, tinham um brilho raro e quase apaixonado; mas seu nariz e seu queixo proeminentes e o formato marcante da sua boca sugeriam grande determinação. Estranhos que passavam pelo padre geralmente olhavam duas vezes.

Padre Francis, por sua vez, sentado do outro lado da lareira em sua cadeira de encosto reto, tinha uma aparência mais comum. Embora seus olhos castanhos fossem agradáveis e afetivos, não havia força em seu rosto. Era possível até mesmo notar uma tendência feminina à melancolia nos cantos de sua boca e no acentuado declínio de suas pálpebras.

Já o sr. Templeton era somente um homem bastante idoso, com um rosto forte — apesar de enrugado —, devidamente barbeado. Ele agora estava deitado de costas em seus travesseiros de água, com uma colcha sobre os pés.

Por fim, ele falou, olhando primeiro para Percy, à sua esquerda.

— Bem — o homem disse —, é difícil lembrar exatamente de algo tão complexo… Mas vamos ver o que posso fazer. Na Inglaterra, nosso partido ficou seriamente preocupado com o Parlamento Trabalhista de 1917. Isso nos mostrou quão profundamente o "herveísmo" havia impregnado a atmosfera social. Existiram socialistas antes, mas nenhum como Gustave Herve em sua velhice — pelo menos não com o mesmo poder. Talvez vocês já tenham lido que ele pregava Materialismo e Socialismo absolutos desenvolvidos para suas questões lógicas. O Patriotismo, dizia, era um resquício da barbárie; e o prazer sensual era o único bem concreto. Todos riram dele, é claro. Acreditava-se que, sem a religião, não havia motivo razoável para que as massas mantivessem a mais simples ordem social. Mas parece que ele tinha razão. Depois da queda da Igreja na França, no início do século, e dos massacres de 1914, a burguesia se instalou para se organizar. E esse extraordinário movimento começou de modo sério, estimulado pela classe média; sem patriotismo, sem distinção de classes e praticamente sem militares. A Maçonaria dirigia isso tudo, é claro. O movimento se estendeu para a Alemanha, onde a influência de Karl Marx…

— Sim, senhor — Percy o interrompeu gentilmente —, mas o que a Inglaterra, se não se importa…

— Ah, sim, a Inglaterra. Bem, em 1917, o Partido Trabalhista assumiu o poder, e o comunismo começou de fato. Não me lembro de praticamente nada dessa época, já faz muito tempo; mas meu pai costumava fazer essa associação. Só não consigo entender por que as coisas não evoluíram mais rapidamente. Mas suponho que ainda perdurava entre nós uma boa quantidade do fermento

Tory. Além disso, os séculos costumam passar mais lentamente do que se espera, principalmente após o impulso inicial. Mas a Nova Ordem começou nessa época; e os comunistas nunca sofreram um revés sério desde então, exceto aquele pequeno em 1925. Blenkin fundou, na ocasião, o *The New People*, e o *Times* saiu de circulação. Mas parece estranho que só em 1935 a Câmara dos Lordes tenha sido definitivamente fechada. A Igreja estabelecida finalmente teve fim em 1929.

— E o efeito religioso disso? — Percy perguntou.

O velho parou de falar por um momento e tossiu levemente, levantando seu inalador. O padre estava ansioso para ir direto ao assunto.

— Foi um efeito em si — explicou o outro —, e não uma causa. Veja: os ritualistas (como se costumava chamá-los), depois de tentarem desesperadamente entrar no Partido Trabalhista, ingressaram na Igreja após a Convocação de 1919, quando o Credo Niceno foi abandonado; e só houve entusiasmo genuíno entre eles. Mas em que momento e até que ponto ocorreu um efeito de separação definitiva do Estado? Na minha opinião, foi quando o que restou da Igreja ligada ao Estado se reuniu para formar a Igreja Livre. Esta última foi, em suma, um pouco de sentimento, nada mais. A Bíblia foi totalmente deixada de lado como autoridade depois de mais ataques alemães na década de 20; alguns acreditavam que, da Divindade do Nosso Senhor, havia restado apenas o nome no início do século. A Teoria da Kenosis responde por isso. Além disso, existiu, ainda antes, aquela corrente de "sacerdotes livres"… Quando ministros, que não faziam mais do que seguir a corrente, abandonaram suas antigas posições. Não deixa de ser curioso que, na época, eles tenham sido aclamados como pensadores independentes: eram tudo, menos isso… Mas onde eu estava mesmo? Ah, sim. Bem, isso abriu caminhos para nós, e a Igreja fez avanços extraordinários por algum tempo. Isto é, extraordinários naquelas circunstâncias, porque as coisas eram bem diferentes vinte anos atrás, ou mesmo dez anos, como você deve se lembrar. Em outras palavras, falando claramente: havia começado a separação entre as ovelhas e as cabras. Os religiosos eram praticamente todos católicos e individualistas; as pessoas não religiosas rejeitavam totalmente o Sobrenatural, e uma a uma se tornaram materialistas e comunistas. Mas nós fizemos progressos porque contávamos com alguns homens excepcionais — o filósofo Delaney, McArthur e Largent, os filantropos. E também outros. Realmente, Delaney e seus discípulos eram teóricos incansáveis! Lembra-se da *Analogia* deles? Mas é claro que se lembra, está em todos os manuais…

Ele fez uma pequena pausa e respirou fundo antes de continuar.

— Bem... Então, no encerramento do Concílio Vaticano, que se formou no século XIX e nunca foi dissolvido, nós perdemos um grande número de adeptos devido às definições finais. O mundo deu a isso o nome de "êxodo dos intelectuais".

— As decisões bíblicas — observou o sacerdote mais jovem.

— Sim, em parte. E todo o conflito que começou com o surgimento do Modernismo no começo do século, mas muito mais a condenação de Delaney, e do Novo Transcendentalismo de modo geral, como era compreendido na época. Ele morreu fora da Igreja. Depois, houve a condenação do livro de Sciotti sobre Religião Comparada... Logo após, os comunistas avançaram com determinação, mas a passos lentos. Parece extraordinário para você, eu me atrevo a dizer, mas você não consegue imaginar o entusiasmo geral quando a Lei das Indústrias Necessárias foi promulgada, em 1960. As pessoas acreditavam que todas as empresas parariam quando tantas profissões fossem nacionalizadas; mas não pararam, como você sabe. A nação certamente apoiava essa mudança.

— Em que ano foi aprovada a Lei da Maioria dos dois terços? — Percy indagou.

— Ah, bem antes. Um ou dois anos após a queda da Câmara dos Lordes. Foi necessária, acho, ou os Individualistas teriam enlouquecido. Bem, a Lei das Indústrias Necessárias foi inevitável: as pessoas estavam começando a perceber isso desde os tempos em que municipalizaram as ferrovias. Por algum tempo, houve uma explosão de arte, porque todos os individualistas que puderam (foi então que a escola Toller foi fundada) envolveram-se nisso. Mas eles logo voltaram aos empregos do governo. No final das contas, o limite de seis por cento para todos os empreendimentos privados não foi muito tentador; e o governo pagou bem.

Percy balançou a cabeça numa negativa.

— Sim, mas eu não consigo compreender o presente estado de coisas. Você não acabou de dizer que tudo estava lento demais?

— Sim — o homem idoso respondeu —, mas você não pode se esquecer das Leis dos Pobres, que fortaleceram os comunistas para sempre. Braithwaite com certeza conhecia seus negócios.

O padre mais jovem olhou para o outro inquisitivamente.

— A abolição do antigo sistema de trabalho — disse Templeton. — Toda essa história é antiga para você, é claro; mas eu me lembro como se fosse ontem. Foi isso que derrubou o que ainda chamavam de A Monarquia e as Universidades.

— Mas eu gostaria de ouvi-lo falar sobre esse assunto, senhor.

— Claro, padre. Bem, isso foi o que Braithwaite fez. Pelo antigo sistema, todos os pobres foram tratados da mesma maneira e se ressentiram com isso. Com o novo sistema, foram adotados os três graus que temos agora, e decretou-se a independência dos dois graus mais elevados. Apenas os absolutamente inúteis eram designados para o terceiro grau, tratados mais ou menos como criminosos. Isto depois de uma cuidadosa avaliação, é claro. Mais tarde, ocorreu a reorganização das pensões dos idosos. Ora, veja como isso tornou fortes os Comunistas! Os Individualistas (os Tories ainda eram chamados assim quando eu era um menino) não tiveram uma chance desde então. Hoje eles não são mais nada; foram reduzidos a um trapo velho. Toda a classe trabalhadora (ou seja, noventa e nove por cento da população) estava contra eles.

Percy não disse nada, e o outro continuou:

— Seguiram-se, depois, a Lei da Reforma Carcerária, sob Macpherson, e a abolição da pena de morte. Logo veio a lei definitiva para a área da educação, e nela foi estabelecido o secularismo dogmático. E mais tarde tivemos a abolição efetiva da herança, com a Reforma do Direito Testamentário…

— Eu acabei esquecendo o que era o velho sistema... — Percy comentou.

— Pois então. Parece inacreditável, mas o velho sistema era que todos pagassem igualmente. Primeiro, surgiu a Lei de Herança; depois, a mudança por meio da qual a riqueza herdada pagava uma taxa três vezes maior do que a adquirida, levando à aceitação das doutrinas de Karl Marx em 1989; mas a Lei de Herança veio em 1977… De qualquer modo, tudo isso manteve a Inglaterra em pé de igualdade com o resto da Europa. A Inglaterra conseguiu se alinhar no último momento ao esquema final do livre-comércio ocidental. Você deve se lembrar de que esse foi o primeiro efeito da vitória dos socialistas na Alemanha.

— E como conseguimos nos manter fora da guerra do Leste? — perguntou Percy ansiosamente.

— Ah, essa é uma longa história. Mas, em resumo, a América nos deteve, e então nós perdemos a Índia e a Austrália. Acho que, desde 1925, os Comunistas nunca estiveram tão perto da queda quanto nessa ocasião. Mas Braithwaite se safou da situação com muita inteligência, conseguindo como compensação o protetorado da África do Sul. Na época, ele também já era um velho.

O sr. Templeton parou de falar e voltou a tossir. O padre Francis suspirou e se mexeu inquieto em sua cadeira.

— E a América? — Percy perguntou.

— Bem, tudo isso é bastante complicado. Mas a América tinha consciência da sua força e anexou o Canadá no mesmo ano. Isso aconteceu num momento em que estávamos mais fracos.

— Tem um Atlas Comparativo, senhor? — Percy perguntou, levantando-se.

O homem velho apontou para uma estante.

— Ali — ele disse.

★ ★ ★

Com o livro sobre os joelhos, Percy examinou as páginas por alguns minutos em silêncio.

— É tudo muito mais simples... — ele murmurou, olhando primeiro o velho esboço do início do século XX e, em seguida, os três grandes mapas atualizados e corrigidos do século XXI.

Ele moveu o dedo sobre a Ásia. As palavras IMPÉRIO DO ORIENTE atravessavam a faixa amarela que ia dos Montes Urais, à esquerda, até o Estreito de Behring, à direita, enrolando-se em letras gigantes ao longo da Índia, da Austrália e da Nova Zelândia.

Então, o rapaz olhou para o vermelho: consideravelmente menor, porém, ainda bastante importante porque não abarcava apenas a Europa, mas a Rússia inteira, até os Montes Urais, e a África, até o sul. A REPÚBLICA AMERICANA, com cor azul, cobria todo este continente e desaparecia à esquerda do hemisfério Oeste, numa chuva de faíscas azuis sobre o mar branco.

— Sim, é mais simples — disse o velho com indiferença.

Percy fechou o livro e o colocou ao lado de sua cadeira.

— Mas o que acha que vai acontecer agora? — o jovem perguntou.

O velho político Tory sorriu e respondeu:

— Só Deus sabe. Se o Império Oriental decidir agir, nós não poderemos fazer nada. Não sei por que eles ainda não fizeram nenhum movimento. Suponho que devido às diferenças religiosas.

— A Europa não se dividirá? — indagou o padre.

— Não, não. Agora nós sabemos o que nos ameaça. E a América certamente nos ajudaria. Mesmo assim, porém, que Deus nos ajude — melhor dizendo, que Deus ajude *vocês* — se o império optar pelo confronto! Ele percebeu finalmente sua força.

— E quanto à religião, senhor? — Percy questionou depois de alguns instantes de silêncio.

O sr. Templeton inalou uma generosa quantidade de ar do seu instrumento e, então, voltou a falar:

— Nós temos, em resumo, três forças em questão: o catolicismo, o humanitarismo e as religiões orientais. Sobre essa última eu não posso adiantar nada, embora ache que a vitória será dos sufis. Tudo pode acontecer. O esoterismo tem avançado a passos enormes… Isso significa panteísmo. E a mistura das dinastias chinesa e japonesa inutiliza todos os nossos cálculos. Na Europa e na América, contudo, não há dúvida de que a luta será travada entre as outras duas forças. Tudo o mais pode ser desconsiderado. Eis o que eu penso da situação: na minha opinião, o catolicismo passará a decair rapidamente a partir de agora. É bem verdade que o protestantismo está morto. Os homens finalmente reconheceram que uma religião sobrenatural envolve uma autoridade absoluta, e o julgamento individual em questões de fé é simplesmente o princípio da dissolução. Também é verdade que a Igreja Católica, como a única instituição que reivindica autoridade sobrenatural, com toda a sua lógica impiedosa, conta com a lealdade de praticamente todos os cristãos que ainda creem no Sobrenatural. Existem alguns fanáticos, sobretudo na América e aqui, mas são insignificantes.

O velho fez uma pausa, tossiu e continuou:

— Isto dito, entretanto, vocês devem se lembrar de que o humanitarismo, contrariando as expectativas de toda a gente, está se tornando uma religião propriamente dita, embora antissobrenatural. É o panteísmo, um ritual elaborado em torno da Maçonaria. Seu credo é "Deus é homem", e tudo o que resulta disso. A corrente oferece, portanto, um alimento real para saciar os anseios religiosos. Ela idealiza e, ainda assim, nada exige das faculdades espirituais. Deste modo, faz uso de todas as igrejas, exceto a nossa, e de todas as catedrais; eles finalmente começam a estimular os sentimentos das pessoas. Portanto, podem exibir seus símbolos, e nós não. Acho que se estabelecerão legalmente em dez anos, no máximo.

— Por outro lado, nós, católicos, estamos perdendo terreno. E isso vem ocorrendo há mais de cinquenta anos. Suponho que tenhamos agora pelo menos a quarta parte da população da América, como resultado do movimento católico do início dos anos vinte. Na França e na Espanha, não estamos em lugar nenhum; e na Alemanha, nossa presença é pequena. Mantemos nossa posição no Oriente, é verdade; mas mesmo lá nós não temos mais do que uma pessoa

a cada grupo de duzentas, segundo as estatísticas. E estamos dispersos. Na Itália? Bem, temos Roma, a nossa Roma, mas nada mais. Por aqui, temos toda a Irlanda, e talvez uma em sessenta pessoas na Inglaterra, no País de Gales e na Escócia. Porém, setenta anos atrás, éramos uma em quarenta. Isso sem mencionar o enorme progresso da Psicologia: tudo limpo contra nós por pelo menos um século. Para começar, tivemos o materialismo puro e simples, que não mostrou muita eficiência, foi muito afrontoso. E então a Psicologia veio para resgatá-lo. Agora, ela quer abarcar e explicar tudo, inclusive o Sobrenatural. Essa é a pretensão. Não, padre… Nós estamos perdendo terreno, e vamos continuar assim. Penso até que deveríamos nos preparar para uma catástrofe, que pode ocorrer a qualquer momento.

— Mas… — Percy começou.

— Talvez você considere que isto não é grande coisa para um velho a um passo da sepultura. Mas é o que penso. Não vejo nenhuma esperança. Não vejo mesmo, nem uma sombra de esperança até…

Percy o fitava atentamente.

— Até Nosso Senhor voltar — concluiu o velho estadista.

— Mas… E quanto à queda das universidades? — Percy indagou.

— Caro padre, foi exatamente como a queda dos mosteiros sob Henrique VIII: os mesmos resultados, os mesmos argumentos, os mesmos incidentes. As universidades eram a fortaleza do Individualismo, como os mosteiros foram as fortalezas do Papismo, suscitando o mesmo tipo de admiração e de inveja. Então, no início, surgiram as observações habituais sobre a quantidade de vinho do porto bebido; de repente, as pessoas diziam que haviam feito seu trabalho, que os reclusos confundiam meios com fins. E razões para que se dissessem tais coisas não faltavam. Afinal de contas, uma vez admitido o Sobrenatural, as casas religiosas são uma consequência óbvia. Mas o propósito de uma educação secular é certamente a produção de algo visível… de caráter ou de competência. Assim, tornou-se quase impossível provar que as universidades puderam produzir qualquer um dos dois de maneira aproveitável. A distinção entre partículas gregas não é um fim em si mesma, e o tipo de pessoa formada por seu estudo não interessava à Inglaterra no século XX. Não estou certo de que tenha interessado nem mesmo a mim (e eu sempre fui bastante individualista), exceto pelo que tem de patético…

— Como assim? — disse Percy.

— Oh, foi realmente patético. As Faculdades de Ciências de Cambridge e o Departamento Colonial de Oxford eram a última esperança, até que, por fim,

desapareceram. Os velhos professores universitários perambulavam de um lado para outro com seus livros, mas ninguém os queria; eram teóricos demais. Alguns foram parar em abrigos para indigentes; outros foram acolhidos por clérigos caridosos. Terceiros ainda resolveram tentar a sorte concentrando-se em Dublin, mas falharam, e as pessoas logo se esqueceram deles. Os prédios, como você sabe, foram usados para vários tipos de coisas. Oxford se tornou um estabelecimento de engenharia durante algum tempo, e Cambridge se converteu numa espécie de laboratório governamental. Eu estava no King's College, você sabe. Claro que tudo era horrível… Mesmo assim, eles mantiveram a capela aberta como um museu, o que me deixou contente. Não era agradável ver as construções religiosas cheias de peças anatômicas. Mas não acredito que tenha sido muito pior do que manter sobrepelizes nelas…

— O que aconteceu com você?

— Ah, sim. Pouco tempo depois, ingressei no Parlamento. Além disso, tinha um pouco de dinheiro. Mas foi bastante difícil para alguns deles: tinham pensões pequenas, pelo menos aqueles que já haviam trabalhado. Mesmo assim, não sei se as coisas poderiam ter sido diferentes. Eles eram praticamente sobreviventes pitorescos; nem mesmo contavam com a graça de uma fé religiosa.

Percy suspirou novamente, olhando para o rosto engraçado do idoso perdido em reminiscências. Então, sem aviso, ele voltou a mudar de assunto:

— O que tem a dizer sobre este parlamento europeu?

— Bem… Eu acredito que será aprovado, desde que encontrem um homem que o impulsione. Este último século levou a isso, como você pode ver. O patriotismo tem morrido rapidamente; mas tinha de morrer, como a escravidão e seus congêneres, sob a influência da Igreja Católica. Como está, o trabalho tem sido feito sem a Igreja; em consequência disso, o mundo começa a se colocar contra nós. É um antagonismo organizado, uma espécie de anti-Igreja Católica. A democracia tem feito o que a monarquia divina devia ter feito. Se a proposta for aprovada, acho que podemos esperar uma nova perseguição. Mais uma vez, porém, a invasão do Oriente pode nos salvar, se ocorrer… Eu não sei…

Percy permaneceu sentado por mais alguns instantes, e então se levantou abruptamente.

— Preciso ir embora, senhor — ele disse, voltando a falar em esperanto. — Já passa das sete da noite. Muito obrigado. Você também vem, padre?

O padre Francis também se levantou, com o terno cinza-escuro permitido para os sacerdotes, e pegou seu chapéu.

— Bem, padre… Espero não ter me alongado demais e que volte um dia desses para conversarmos. Suponho que você ainda tenha de escrever sua carta…

Percy fez que sim com a cabeça.

— Escrevi a metade esta manhã — o jovem respondeu. — Mas senti que necessitava de mais informações para conseguir compreender corretamente a situação. Você me deu essas informações, e lhe sou muito grato por isso. Esta carta diária para o cardeal protetor é mesmo um trabalho exigente. Estou pensando em me demitir, se isso for possível.

— Meu caro padre, não faça isso. Não me leve a mal por lhe dizer isso, mas você tem uma mente muito astuta, na minha opinião; e Roma não pode fazer nada, a menos que tenha informações ponderadas. Suponho que seus colegas não sejam capazes de fazer um trabalho tão cuidadoso quanto o seu.

Percy sorriu, erguendo as sobrancelhas escuras numa expressão de dúvida.

— Vamos, padre Francis.

★ ★ ★

Os dois padres se separaram na escadaria do corredor. Por um ou dois minutos, Percy se permitiu contemplar a paisagem familiar do outono, tentando entender o significado de tudo o que estava diante de seus olhos. O que acabara de ouvir dos lábios do ancião parecia iluminar de modo estranho a esplêndida visão de prosperidade que se descortinava diante dele.

A claridade ao seu redor era intensa, como se fosse dia. A luz artificial praticamente eliminara a escuridão em Londres. Ele estava sob uma espécie de claustro envidraçado cujo piso era revestido de borracha, material que anulava o ruído de passos. Debaixo dele, ao pé da escadaria, uma multidão interminável de pessoas que iam para a esquerda e para a direita desfilava em dupla fileira, separada por uma divisória; não havia ruído exceto pelo murmúrio incessante das conversas em esperanto. Através do vidro inquebrável e transparente da passagem pública via-se uma ampla e lustrosa pista preta quase vazia. Padre Percy ouviu, ao longe, um forte zumbido, como o de uma colmeia gigantesca, que ficava cada vez mais próximo e mais alto. Em instantes, passou pela pista um veículo transparente sobre trilhos que brilhava por todos os lados; à medida que ele se afastava, o zumbido diminuía mais, até que o grande Trem Especial do governo seguia para o leste, transportando correspondência.

Essa estrada era privilegiada: apenas veículos do Estado tinham permissão para utilizá-la, e mesmo assim a uma velocidade inferior a cento e sessenta quilômetros por hora.

Praticamente todos os ruídos nesta cidade de borracha foram abrandados. As esteiras rolantes para o transporte de pessoas ficavam a cem metros de distância, e o tráfego subterrâneo operava a uma profundidade grande demais para que se pudesse escutar ou mesmo perceber qualquer ruído — exceto uma certa vibração. Os especialistas do governo trabalhavam há vinte anos para descobrir um modo de eliminar essa vibração e silenciar o zumbido dos veículos comuns.

Percy contemplou por alguns momentos o rio que cortava a cidade — e que parecia se recusar a ser transformado. Estava prestes a seguir seu caminho quando ouviu um alarido vindo do alto, um som melodioso e longo, espantosamente belo e tocante. Ergueu a cabeça e viu, bem acima de si, em meio às pesadas nuvens iluminadas, um objeto longo e delgado que emitia um suave brilho, deslizando para o norte e desaparecendo com suas asas abertas. Esse alarido musical, Percy sabia, era o som emitido pelas aeronaves europeias anunciando sua chegada à capital da Grã-Bretanha.

Até Nosso Senhor voltar, ele pensou. Por um instante, a velha miséria apunhalou seu coração. Como era difícil manter os olhos fixados naquele horizonte distante quando este mundo pulsava à sua volta, tão próximo e irresistível em seu esplendor e força! Ele havia discutido com o padre Francis uma hora antes e argumentado que tamanho não era o mesmo que grandeza; que um exterior chamativo não anulava um interior sutil. Porém, a dúvida permaneceu até que ele a silenciasse com um brutal esforço, chorando dentro do peito para que o Pobre Homem de Nazaré conservasse sempre seu coração como o de uma criança.

Então o clérigo se pôs a caminho, descendo as escadas e se perguntando quanto tempo o padre Francis ainda conseguiria suportar.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA

FiqueSabendo

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!

AVIS RARA

ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM NOVEMBRO DE 2022